

RESENHA: “O bebedor de horizontes”: o exílio e o ressurgir de um herói nacional

António N'Runca*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-0147-7711>

Nascido em 1955, na Beira, Moçambique, Mia Couto é biólogo e jornalista, no entanto a sua paixão pelas belas-artes tornou-o um dos principais escritores moçambicanos e dos países de língua oficial portuguesa; seus escritos têm trazidos grandes contribuições para enriquecimento da nossa língua. Mia Couto é autor de mais de trinta livros, o quais se estendem desde romances, contos, poemas até crônicas. Seu romance *Terra Sonâmbula* (1992) é considerado por muitos como um dos doze melhores livros africanos do século XX. Durante a sua carreira, o autor foi galardoado com vários prêmios literários, dentre eles destaca-se o Camões, em 2013 e o Prêmio Neustadt International Prize, em 2014, considerado como o “Nobel Americano”.

O Bebedor de horizontes é o recente romance histórico que foi publicado em 2017 e é o terceiro volume que constitui a trilogia “As Areias do Imperador”, de Mia Couto. O livro é composto por trinta capítulos e anexos colocados na última parte, os quais contextualizam toda obra a partir de várias referências históricas, contribuindo para estimular o leitor a realizar as futuras pesquisas sobre o assunto; por exemplo, na página trezentos e onze, temos um mapa político, no qual estão assinalados os principais lugares do Sul do território moçambicano onde ocorreram os eventos mais importantes da história que remonta ao período do século XIX. Na página seguinte, há um retrato da figura do imperador, Ngungunhane e régulo Zixaxa; em seguida, veio a ilustração da figura do comandante Álvaro Andrea, o retrato das sete rainhas do imperador, o de governador geral de Moçambique, Mouzinho de Albuquerque (1894-1895), a ilustração dos prisioneiros negros com as mãos decepadas, rememorando a violência do colonizador, por fim, podemos encontrar retratos de outras figuras importantes que marcaram a história da

* Mestrando em Teoria Literárias e Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFMG.
E-mail: antonionrunca@gmail.com

colonização portuguesa daquela época, assim como o dos lugares e dos navios, como é o caso da Corveta Capello, o navio que transportou o imperador e outros prisioneiros do estuário do rio Limpopo a Lourenço Marques.

O enredo desse último volume da trilogia prima com a longa viagem marítima do imperador, que estava a ser deportado para Portugal, a bordo havia outros presos, os quais, durante a jornada, tentaram assassinar o imperador, no entanto a personagem narradora, Imani, que foi levada como tradutora, avisou o capitão do navio sobre esse plano elaborado pelo missionário da igreja protestante. A Imani foi levada para Portugal, enquanto estava grávida, juntamente com as sete rainhas de Ngungunhane, seu pai ficou em Moçambique assim como o seu amado, Germano.

Depois de algum período em Lisboa, o imperador e régulo Zixaxa foram deportados para ilha dos Açores, Imani e rainha Domboia foram enviadas para São Tomé e Príncipe, após ter sido roubado o filho pela sogra, e outras seis rainhas foram exiladas para Cabo-Verde.

No que concerne aos aspectos geográficos, a maior parte dos eventos do enredo desenvolveu-se pelo longo curso traçado pelo oceano atlântico, outros fatos ocorreram em território moçambicano.

A narrativa deste último livro está situada entre o período de 1895 a 1896, quando Ngungunhane foi capturado por capitão Mouzinho e deportado para Portugal.

Neste último volume, temos novos personagens que foram introduzidos no drama: rainha Dabondi, Álvaro Andrea (capitão do barco), general Maguiguane, rainha Muzamussi, comandante Jaime Leote do Rego; o missionário protestante, Roberto Machava, Zeca Primoroso (o tradutor), sargento Amaral, o jovem Ngó (o cozinheiro), António Sérgio de Sousa (capitão do navio fragata), o sargento Júlio Araújo; Muzamussi, Namatuco, Patihina, Machacha, Xesipe, Fusi e Dabondi (as sete rainhas do imperador de Gaza), João Manguzeze (filho do imperador), Laura de Melo (a mãe de Germano), Almeida Pinheiro (general português nos Açores), Sanga de Melo (filho de Imani com germano de Melo) e Mozi (neto de Imani).

No que tange a uso da linguagem empregada no romance, igualmente como em outros volumes anteriores, Mia Couto adota uma linguagem muito

mais criativa e acessível à percepção do leitor, incorporando vocabulários e estruturas específicas de línguas moçambicanas dentro do português.

Quanto ao foco narrativo, a narrativa é feita em 1ª pessoa de singular, há, portanto, narrador-testemunha (um personagem secundário que conta a história principal sem conhecimento profundo dos outros personagens). O enredo não segue um só foco, visto que é feito de uma maneira alternada, porém é perceptível, já que as outras narrativas são encadeadas momentaneamente dentro da intriga principal. Imani continua como narradora principal, dado que foi ela quem narra a maior parte dos capítulos, exceto capítulos IV, VI e XI, que foram narrados por Germano, e capítulo XVIII, narrado por Álvaro Andrea.

Na visão sócio-política, embora com uma sequência externa no plano da narrativa dos eventos do livro II, o romance já prima com um discurso adverso, quando comparado ao aquilo que desenvolveu em dois volumes anteriores, isso foi assinalado no próprio provérbio usado por Mia Couto antes de principiar o primeiro capítulo: "Em tempos de terror escolhemos monstros para nos proteger" (COUTO, 2017, p. 9). Como devemos ter constatado, desde o começo do primeiro volume, a população local estava preocupada em fabricar um herói idôneo para salvá-la das mãos de Ngungunhane, considerado até então um tirano cruel.

[...] esta gente nutre tanta esperança na chegada de Mouzinho e da sua cavalaria. Existem, de facto, outras razões que concorrem para essa adesão à figura de Mouzinho: a primeira é que há muito que a gente de Nkokolani está cansada de conversações. E ficam perplexos com a nossa atitude de, em vez de fazermos guerra contra o inimigo comum, insistirmos em negociar com quem não tem palavra. (COUTO, 2015, p. 80).

Não obstante, após a captura do imperador e seu exílio para Portugal, o discurso conduzido pelos narradores, mormente o de sargento Germano de Melo, começou a adquirir uma característica mais oposta que contradiz as opiniões e decisões tomadas pela população quanto a escolha do salvador. O discurso do narrador português pode trazer algumas inquietações as quais tendem a conduzir o leitor a indagar se quem são os "monstros" escolhidos pelo povo: Ngungunhane rejeitado ou os colonizadores.

O régulo de Gaza sempre foi um empecilho para Portugal, não tanto pelo que fazia, mas por aquilo que não deixava fazer. Dias depois da sua captura, já os nossos soldados corriam as aldeias a cobrar o chamado «imposto de palhota». Cada família terá agora que pagar uma meia libra de ouro. Parece pouca coisa, mas é uma fortuna para quem, sendo camponês, vive longe de qualquer moeda. Choram as mulheres, lamentam-se os mais velhos [...]. Enviam de Lourenço Marques soldados e sipaios. Conhecemos bem os seus modos: ameaçam, exigem bebidas, mandam matar patos e galinhas. E levam as vacas que sobreviveram à peste bovina. (COUTO, 2017, p. 104-105).

O discurso do personagem-narrador, sargento Germano, apresenta elementos que podem contribuir para levar o leitor a ter outra ótica sobre a figura de Ngungunhane, pois que no período do reinado do imperador de Gaza o comportamento do colonizador português era amenizado por todos os narradores, as únicas denúncias feitas são aquelas cometidas por Ngungunhane. Já com a captura e o exílio, os comportamentos violentos do colonizador para com a população começam a ser descritos e enfatizados, como se o próprio narrador desejasse envolver o leitor e a impulsioná-lo a desejar que Ngungunhane voltasse ao seu reino para salvar seu povo que sofria nas mãos dos portugueses; sofrimento que era demasiado ao ponto de: "[...] aqueles que viviam sufocados pelo tirano de Gaza já dele sentem saudade". (COUTO, 2017, p. 105).

Desse modo, o povo começa a sentir saudades do imperador de quem tanto almejava a sua destruição, porque parece, a olhos vistos, que o narrador quis nos revelar que a violência cometida nesse período pelos portugueses sobrepunha àquela cometida por Ngungunhane em seu governo, por isso mesmo que ele afirmou: "Prenderam o Gungunhana, levam-no para um exílio sem fim. Seria preciso um navio do tamanho de um continente para salvar África da cobiça dos europeus [...]" (COUTO, 2017, p. 104).

O sargento Germano não está a fazer nada em suas palavras que não seja procurar apresentar Ngungunhane como aquele imperador, cujo governo, apesar de "ter sufocado seu povo", era melhor do que o dos portugueses que naquele momento controlavam o território. Dessa maneira, a visão que os narradores tinham sobre a figura de Ngungunhane foi se alterando até o final do enredo.

Como considerações finais, é possível afirmar que a trilogia "As areias do imperador", de Mia Couto, a despeito de ter-se esforçado desde o princípio

para nos apresentar a figura mítica de Ngungunhane de maneira crítica por meio de um discurso dialética com dados históricos, suscitando questionamentos que tentam a refutar a construção histórica sobre a figura imaginária de Ngungunhane, não obstante, ela não consegue afastar claramente da ambiguidade e muito menos escapar das redes elaboradas pela elite moçambicana, depois independência, visto que após o segundo volume todas as atitudes e discursos dos personagens-narradores só seguem o mesmo viés, circundando em torno da construção feita pela FRELIMO sobre a figura mítica de Ngungunhane, o primeiro herói da sociedade moçambicana.

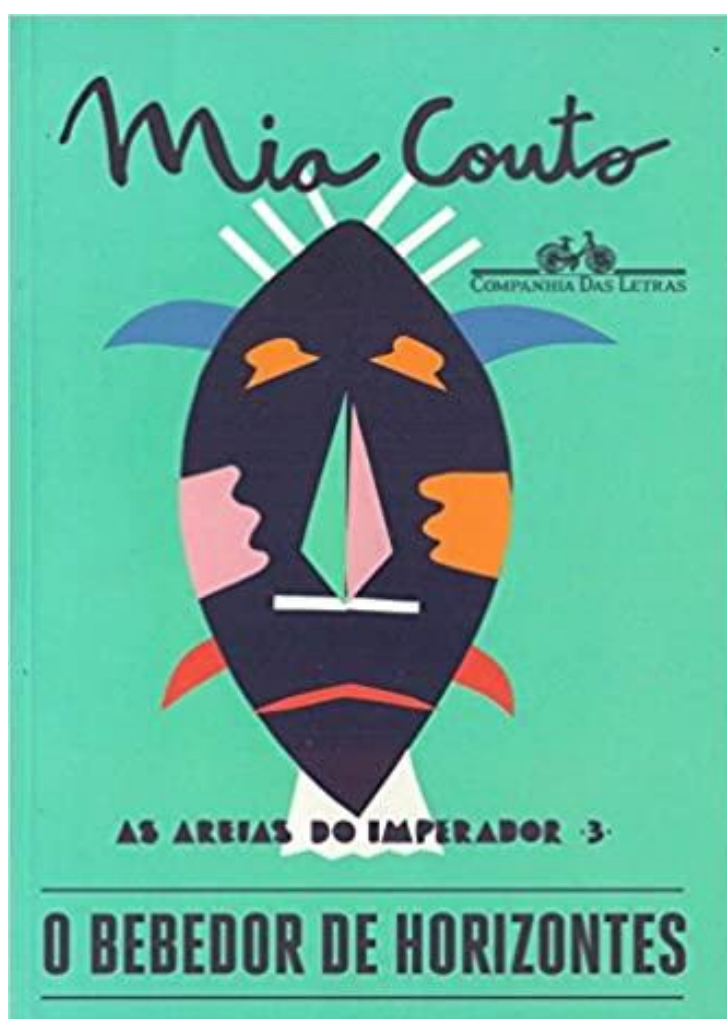


FIG 1. Capa de volume III da Trilogia "As Areias do Imperador" São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Referências

COUTO, Mia. **O bebedor de horizontes: as areias do imperador:** uma trilogia moçambicana. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

António N'Runca

Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FALE-UFMG (2024); graduado em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira em 2023. Bolsista da CAPES (2023-2025); bolsista do Programa Pulsar da UNILAB em 2019; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC de 2020 a 2021; e bolsista do "Programa de Extensão Rede IsF: Formação e Ensino em Português como Língua Adicional" vinculado a Proex da UNILAB de 2021 a 2023. Possui experiência na área de Letras, com ênfase nas Literaturas Contemporâneas, Literaturas de Língua Portuguesa e Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Autor dos poemas "Ser estudante" (2019); "O escopo" (2021); "A Vida é um processo" (2020); "A Arte Poética" (2021), "A Razão da Vida" (2021); "O Depoimento" (2021); "A Pérola" (2022) e "Jardim de Néctar" (2022), publicados na Revista Palmartes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Atualmente, faz doutorado na área da Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNICAMP, trabalha como FACILITADOR na UNIVESP e bolsista do CNPq.

Recebido em: 24/04/2026

Aceito em: 08/09/2026



Para citar este texto (ABNT): N'RUNCA, António. RESENHA: "O bebedor de horizontes": o exílio e o ressurgir de um herói nacional. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 3, p.253-258, jul./dez.2026.

To cite this text (APA): N'Runca, António (jul./dez.2026). RESENHA: "O bebedor de horizontes": o exílio e o ressurgir de um herói nacional. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (3): 253-258.